Um convite | Iuri da Silva Gomes

Lá estava “aquele corpo”: na Estação da Luz, em São Paulo. Como ele estava? Como fora parar lá? Que corpo é este? Por quê a ele me refiro como “aquele corpo”? – maldita influência de um tempo mesquinho que preencheu um mero pronome demonstrativo de arrogância. “Aquele ali”, “aquela ali”, geralmente são proferidos com desconfiança, regados de um dedo apontado, de um pré-conceito formulado e de uma inexatidão do saber sobre “aquilo”. Não prometo responder as questões levantadas em linhas outras, mas tentarei, já que tentar tem sido a máxima de minha vida e a “daquele corpo” que há dias observo.

Ora, lá onde estava “aquele corpo”, estava o meu também. Um dia, e com os olhos perdidos na multidão que ora entrava nos vagões e ora deles saía, eu perdi “aquele corpo” de vista – foi um desespero (imaginem vocês, perder de vista o que em um certo momento da vida – e sabe-se lá por quais razões – é deveras importante, e que ocupa um lugar em seus pensamentos, ações, divagações e vida, o lugar que ocupa o coração no corpo humano – imaginem!). Mas não era para tanto, pois quando a aflição de ter perdido “aquele corpo” de vista me fez ter o impulso de completar um giro de 180° graus à sua procura, ele passou por mim delicadamente, silenciosamente.

Há dias e dias eu o observo, e vos digo por quê: não entendo mais o que é o ser humano. Não entendo quem segue com tanta pequenez ao

redor. Não entendo quem alimenta a pequenez e por quê. Não entendo quem por ela é atravessado, e a despeito de sua permanência, insiste em existir. Assim, quero tentar entender o que "aquele corpo", o de um transeunte que me chamou a atenção e que se encontra em estado de putrefação existencial, quer da vida, já que a vida nada te oferece. Os vazios que tenho não se comparam ao vazio daquele ser, que passa horas com as mãos estendidas para o nada à espera de algo. Mas ainda assim existe. Será mesmo que ele quer existir? Assim? Dessa maneira? Com as mãos expostas à frieza que as envolve?

O projeto indelicado de observar aquela vida começou a alguns meses, e não sei ao certo quanto tempo mais irá durar. Aliás, por falar e pensar no tempo, noto que os ponteiros do relógio acima de nossas cabeças não estão ajustados, e isso me incomoda. O desajuste da máquina parece atravessar a vida de todos que passam por ali, alguns percebem e sentem esse desajuste, outros nem sequer olham para a marcação do tempo, e outros, pior ainda, olham o desajuste, observam, não o entendem, se incomodam, mas não interferem em seu ritmo. Chego à conclusão de que esses "desatentos" estão desajustados. Notar o descompasso e ainda assim continuar é terrível, é dramático, é trágico, é a dança da morte. E atrapalha tudo. Lembro-me apenas de Hamlet e de sua sentença que ecoa há séculos: "Há algo de podre no reino da Dinamarca".

Os últimos anos de minha vida têm sido uma paisagem amorfa, com exceção da presença "daquele corpo" na trajetória dos meus pensamentos. Decidi observá-lo depois que caí em mim – em minha

humanidade (ou desumanidade?) e frieza exacerbada. Há muitos anos eu passo pela Estação da Luz para ir até o trabalho, o que faço a pé, pois o trajeto não é distante da minha residência. Nesse trabalho, eu tive uma progressão de carreira de se admirar e ocupei um lugar de destaque. Posso dizer que fui um dos "chefes" do lugar. Como diziam os funcionários de lá, em seus burburinhos: "Lá vem o chefe". Era uma frase que me deixava orgulhoso, e que alimentava em mim sentimentos cinzentos, nebulosos e arrogantes. Com o tempo, o meu comportamento ficou assimétrico com os valores daquele lugar, e eu fui dispensado. O lugar ficou novo demais e eu velho demais para ele. Para mim, ter saído de lá foi um dos episódios mais tristes da minha vida. Aos poucos estou superando, digo que há dez anos estou superando. Para aliviar essa dor, faço o trajeto para a empresa diariamente. Quero com isso iludir o meu corpo, pô-lo a andar. Vou até o edifício da empresa, fico entre 10 e 20 minutos na porta, e em seguida faço o trajeto de volta para casa. O meu corpo entende que foi ao trabalho, mas não trabalhou.

Quando nos acomodamos em uma certa função, nos limitamos a descobrir coisas novas e a explorar novos caminhos. Devido a isso, o que eu fazia naquela empresa era tudo o que eu sabia e sei fazer. Nada mais me interessa. Para quê irei aprender uma nova profissão a essa altura da vida? Melhor não. Estou velho demais. Daí decidi que iria viver com o dinheiro que guardei – em casa – durante os anos de ofício. Quando mais novo, assustava-me os processos burocráticos e humilhantes que meus pais e avós enfrentavam para ter uma aposentadoria digna neste país que vez ou outra me maltrata.

Acontece que pelos meus cálculos, o montante guardado durará apenas mais um semestre. Depois disso, o que será de mim? Quem irá cuidar de mim? Não fiz filhos por achar que o mundo era mesquinho e duro demais, não me casei por achar que as mulheres não iriam me amar por isso. Não fiz amigos, pois, a minha alma não se sentiu tocada pelas almas outras com as quais circulei. Não tive bichos, pois, eu não queria me apegar a eles (danados seres que conhecem os sentimentos, e os valorizam). Não tive plantas por saber que não teria tempo de cuidá-las. Hoje, ostentando tempo, posso cultivar algumas, mas ainda assim não as quero. Elas estão em falta nas ruas, então acho por bem deixa-las por lá. A rua precisa delas. Estou velho e só, velho e só.

Para dar um sentido às minhas idas ao trabalho, resolvi encontrar um ofício no meio do caminho. Pensei em jogar cartas com os velhos que estavam na praça, em dar migalhas de pão mofado aos pombos, em fumar um charuto e olhar a paisagem, em olhar as moças da vida e seus movimentos sedutores, o entra e sai dos carros e a libido exacerbada (ou foçada), em vagar como quem não tem rumo. Achei tudo isso um tanto insustentável e fugaz. Decidi que faria algo mais decente, algo que pudesse mudar o meu interior desértico de alguma forma, já que o relógio da minha vida está com pressa, e quer mudanças – pelo menos é o que sinto.

Foi quando, num dia, sentado em um dos bancos da rua, ao voltar dos meus 20 minutos na porta do trabalho, “aquele corpo” passou por mim em seus andrajos. Senti-me desafiado a segui-lo, a vê-lo como ele

lida com a vida, com a falta de dinheiro, com a fome, com o descaso, com o esquecimento, com a cegueira da sociedade. Certo de que eu enfrentaria dentro de seis meses essas situações, resolvi tratar “aquele corpo” como um experimento do meu eu futuro. Passei a observá-lo diuturnamente.

Acontece que essa coisa de observar uma vida alheia em situação de miséria, de fome e dor é algo difícil demais, pois a gente acaba se projetando naquela vida, e o pior dos pensamentos (que tanto evitamos, pois nos assusta) pode surgir: “E se fosse eu naquele lugar”? Pensei nisso, mas não me assustei, pois eu teria seis meses para aprender a como lidar com o infortúnio de morar na rua, a comer quando der e a tomar banho sabe-se lá quando.

Mas penso que o maior dos infortúnios seja este: o de não ser visto, o das pessoas passarem por você e não te notarem. Será que as pessoas não olham para esses corpos pois não querem desbravar o medo que emerge da questão “E se fosse eu naquele lugar?”. Preciso confessar que há alguns anos pensar sobre isso era uma afronta para mim. Agora, que estou velho e experimentando o abandono, é diferente. Eu preciso pensar sobre isso. E me entristece que só agora isso tenha acontecido: culpa do conforto e vida mais ou menos que tive.

Apoiado em uma mureta, com os olhos voltados para “aquele corpo”, tiro um charuto de meu paletó surrado, acendo-o, dou uma tragada profunda, e passo a contemplar a cena estarrecedora que eu

viveria muito em breve. Era uma tarde de segunda-feira, fria e a estação não estava tão cheia como de costume. O horário de alta movimentação acontece sempre no fim da tarde, quando já estou de partida do lugar. Gosto de ver aquele corpo sem ser atrapalhado pelos vultos da multidão silenciosa, apressada, fugaz, doentia. Sem ter a visão interrompida, posso notar cada movimento de modo acurado, sem nem perder de vista o ritmo de sua respiração. Naquela tarde eu resolvi que iria me atentar para a respiração daquele corpo. E assim o fiz. O respirar era pausado, profundo, pesado, e seus longos intervalos me chamaram a atenção. Eram longos demais. Um ritmo calculado. Fiquei assustado, tão assustado que pensei em ir até ele e perguntar se estava tudo bem, e se precisava de alguma ajuda. Mas logo desisti da ideia, pois ainda tenho muito a observar antes do primeiro contato. Ainda é cedo, pensei. Ademais, que tolice a minha imaginar que aquele corpo pudesse querer ajuda para respirar, já que respirar é uma atividade involuntária. Ou seja, eu nada poderia fazer.

Finda a tarde, sigo o trajeto para casa. Saio da estação com a esperança de no dia seguinte encontrar aquele ser de respiração cansada e enigmática no mesmo lugar em que meus olhos o viram pela última vez. Ao chegar em casa e me deparar com o conforto que tinha, com a geladeira cheia e com a casa em ordem, vi o quão mesquinho eu havia sido nesses últimos tempos. Fiquei perplexo ao ver a capacidade que eu tinha de ser frio e macabro com o sofrimento alheio. Lembrei-me das mãos “daquele corpo” expostas ao ar frio, de suas roupas maltrapilhas, de seu olhar sem rumo e de sua respiração cansada e enojei-me de mim mesmo. Como pude fazer isso? Ao invés de observá-lo de longe, vendo-o

passar dificuldades, eu poderia oferecer a ele a minha comida, algumas roupas e uma amizade, e quem sabe até alguns de meus deliciosos charutos. Mas não... eu o fiz rato de meu laboratório existencial, e apenas observei com uma distância calculada as suas agruras por longos noventa dias.

Tendo colecionado essas reflexões, essa espécie de balanço analítico dos meus últimos três meses, e arrependido de algumas das minhas ações, decido que é hora de me aproximar daquele corpo e fazer dos meus últimos três meses de uma boa vida os melhores três meses de vida daquele corpo. É hora de conhece-lo, de adentrar sua história, e de fazê-lo personagem da minha vida-trajetória. Percebo o que os últimos três meses de um olhar atento para aquela existência fizeram comigo. Não posso dizer que sou uma outra pessoa, mas posso dizer que não sou mais o mesmo em valores e senso de humanidade. Antes de sair de casa, junto roupas limpas, pão e frutas frescas em uma sacola, que darei para ele como gesto do meu arrependimento e abertura para uma amizade.

Após arrumar os itens na bolsa e verificar se não estava faltando algo, me dirigi até o corredor do meu apartamento, que dá acesso à porta de entrada da casa, segurando aquele pacote que transformaria a vida de uma pessoa em instantes e decidi que era hora de ir. Giro a chave na maçaneta, abro a porta e não consigo sair. Não sei o que me segura, não sei o que me trava. Não estou fazendo nada de errado, pensei comigo. Fecho a porta e espero aquela sensação fria passar. Não sei explicar o que segurou o meu gesto humano naquele instante. Só sei que durou mais de

duas horas para passar. Nesse tempo, voltei para a sala, liguei a TV e acompanhei o noticiário na expectativa de me ver livre daquele sentimento que estava impedindo-me de encontrar uma vida e fazê-la melhor, ainda que por um breve momento.

No noticiário, a dor de milhões, a fome de milhões, o sofrimento de milhões, o roubo de milhões da conta pública. Como dói viver num país como esse. A dor é tanta que anestesiou a compaixão da sociedade, que matou a saudade de tempos melhores, que fez de mim um ser mesquinho, atravessado por um senso de urgência e egoísta em ter mais, mais para mim, e nada para o outro. O noticiário é um espetáculo das dores. É um show que anestesia a minha, a sua, a nossa dor. E ao ter as dores anestesiadas, logo passamos a ignorar as dores do outro. Naturalizamos o sofrimento. Damos aval para a miséria moral.

— Um homem de meia idade é encontrado morto na manhã de hoje na Estação da Luz, em São Paulo. Passageiros dizem que nunca viram o homem no local. A causa da morte é desconhecida.

Desliguei a TV, passei as mãos pelo rosto, aflito, olhei para a bolsa com as roupas, pão e frutas frescas e fiquei a pensar. Era tarde demais. Revisitei os meus planos, revisitei a mim mesmo e vi que precisava mudar as rotas dos meus últimos dias de uma boa vida. Eu precisava estendê-los. Eu não poderia acabar como “aquele corpo” acabou. Eu precisava mudar essa situação. Mas como? Decidi multiplicar o dinheiro guardado com a venda de alguns de meus utensílios pelo bairro e me pus a andar, a

vender, a ouvir e a contar histórias. Consegui fazer a minha renda se estender por um bom tempo.

Certo dia resolvi ir até à estação, depois de um bom tempo sem pisar lá, pois o lugar me despertara tristeza, mágoa e arrependimento. Quando chego, olho para o lugar de sempre e constato que “aquele corpo” estava lá. Como pode? Pensei. Fui até ele, correndo, perplexo, me ajoelhei diante dele e disse:

— “Você está vivo? Eu pensei que estivesse morto!” E o abracei repentinamente, demoradamente. Ele nada entendeu, e quando me afastei ele riu e disse:

—Eu sempre fico por aqui, senhor. Chego pela manhã e vou embora à noite. Sou um ator e estou me preparando para um papel importante no teatro, e que envolve a relação da sociedade com corpos outros e em situações de precariedade humana, existencial, eu diria. A sua reação foi ótima! Fico surpreso. Vou anotá-la para compartilhar com a companhia. O que fez você pensar que eu estivesse morto? Posso saber? Qual é o seu nome?

Em estado de choque, sem nem ao menos saber explicar-lhe o porquê da minha reação, eu disse:

— Qual é o nome da peça?

— “Ser ou não ser”: O dilema de Hamlet em SP, ele disse.

— Merda para vocês.

— Obrigado! Merda a todos nós, meu caro, ele disse, sorrindo e acenando para mim.